

ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA:
TRAJETÓRIA NA REGIÃO DE SÃO CARLOS¹

Janaina de Freitas Munhoz - Graduada em Ed. Fís.
Luiz Gonçalves Junior - Doutor
SPQMH/DEFMH/UFSCar
janaina_munhoz@hotmail.com
luiz@power.ufscar.br

RESUMO: As Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFANs) estão cada vez mais presentes no lazer das pessoas. Para melhor entendimento de como estas atividades se instalaram e se desenvolvem na região de São Carlos, realizou-se estudo com dois grupos, Grupo Alpino Excursionista (GAE) e Centro Universitário de Montanhismo e Excursionismo (CUME). Utilizando como metodologia a História Oral, identificou-se o processo de constituição dos dois grupos, sua influência na divulgação das AFANs (atividades e técnicas) na região, bem como o desenvolvimento pessoal dos participantes sobre respeito ambiental.

PALAVRAS CHAVE: lazer; aventura; montanhismo

ABSTRACT: The Physical Activities of Adventure in Nature (AFANs) is becoming more usually in people leisure. For better understanding how those activities were installed and developed in São Carlos region, It was studied two groups specifically, Grupo Alpino Excursionista (GAE) and Centro Universitário de Montanhismo e Excursionismo (CUME). Using Oral History, the process of formation of those groups was identified, their influence to divulge the AFANs (activities and techniques) in the region as well as their personal development to take care the environment.

¹ **Referência:** MUNHOZ, Janaina de Freitas; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Atividades físicas de aventura na natureza: trajetória na região de São Carlos. In: III CONGRESSO CIENTÍFICO LATINO AMERICANO UNIMEP/FIEP, 2004, Piracicaba. Anais... 2004.

INTRODUÇÃO:

Desde quando as pessoas começaram a migrar do espaço rural para o urbano, tem ocorrido um afastamento do ser humano da natureza. A identidade do homem como ser que faz parte da natureza tem-se perdido e atualmente existe um movimento em prol do reencontro do homem com a natureza. Neste estudo o foco será as Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFANs – terminologia utilizada pela primeira vez por BETRAN em 1995) e seu desenvolvimento na região de São Carlos, município localizado no Estado de São Paulo-Brasil.

Tais atividades surgiram mundialmente em 1970 e se consolidaram em 1990 (BETRAN, 2003) e na região de São Carlos as pessoas começaram a se organizar para vivencia-las em 1978 com o Grupo Alpino Excursionista (GAE) que se extinguiu em 1984, mas serviu de inspiração para surgir o Centro Universitário de Montanhismo e Excursionismo (CUME), criado em 1990 e existente até os dias de hoje.

Por conta de muitas pessoas ou grupos que trabalham com as AFANs, com ecoturismo ou mesmo desfrutam seu momento de lazer com estas atividades terem ou participado de algum destes grupos ou feito cursos proporcionados por estes, o estudo dos mesmos se fez necessário para compreensão da história das AFANs na região. Assim, coletou-se entrevistas com os fundadores/precusores de um e outro grupo utilizando-se da metodologia qualitativa história oral.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

São muitas as nomenclaturas designadas a este tipo de atividade. A mais divulgada pela mídia é Esportes de Aventura, outros nomes comuns são: Esportes em Integração com a Natureza, Esportes Radicais, Esportes de Aventura na Natureza, Esportes Californianos, Esportes em Liberdade, Esportes Selvagens, Atividades Deslizantes de Aventura e Sensação na Natureza, Atividades Esportivas de Diversão e Turísticas de Aventura, Esportes Tecnológicos e Novos Esportes. Todas estas designações mostram alguma característica relacionada com as atividades desenvolvidas.

Reconheço, conforme BETTI (2001, p.159). que o termo Esporte é bem mais amplo hoje do que em sua clássica definição relacionada a: “competição, comparação de desempenhos, busca da vitória ou recorde, etc”, pois, de acordo com tal autor hoje há ampla polissemia do

fenômeno esporte, fazendo com que tal fenômeno transcenda aquela definição referente ao esporte espetáculo ou de rendimento.

BETRÁN (2003) também reconhece a polissemia do esporte quando propõe essa nova terminologia (AFANs) que não utiliza o termo esporte. Assim, na busca de um termo mais claro, que englobe as sensações que estão sendo buscadas pelos praticantes como o contato com a natureza, prazer, encontro pessoal, evasão divertida e plenitude pessoal, cunhou-se a expressão: Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFANs), a qual far-se-á uso neste trabalho.

Utilizar este termo não é simplesmente trocar o nome. O nome muda porque o conteúdo mudou e este é fruto de uma nova época e objetiva melhor precisar o que se vai estudar. O esporte está mais relacionado à sociedade industrial na qual o conceito de competição era muito forte. As AFANs surgiram na década de 1970, se firmaram na década de 1990 e estão sendo construídas numa sociedade contemporânea, que têm outros conceitos e realidade. Estas surgiram com a necessidade de aproximar o ser humano do meio natural, onde pudesse se desenvolver, contemplar as belezas naturais e mesmo buscar fugir das pressões do dia a dia, já que, infelizmente, estamos em uma sociedade altamente competitiva e com grande pressão no trabalho. Por outro lado, vale a pena ressaltar que tem ocorrido, segundo BETRÁN (2003, p.166) a “esportivização” - no sentido da comparação de rendimentos - de algumas dessas AFANs, como por exemplo a escalada, o mergulho, o rafting, a caminhada, entre outros.

As AFANs foram classificadas por OLIVEIRA et al (apud BETRÁN, 2003) em cinco divisões levando em consideração as características intrínsecas e extrínsecas:

1) Ambiente físico: relacionado ao meio em que acontece a atividade: Ar, Terra e Água (Oliveira et al. apud BETRÁN, 2003). Outro critério é referente ao plano em que a atividade se desenvolve: horizontal e vertical. O último destes foi o grau de incerteza que o meio físico tem, sendo estável ou não. Os fatores meteorológicos (umidade, temperatura ou pressão), fenômenos meteorológicos (chuva, vento, neve ou geadas) e a variabilidade do terreno é que determina o grau de incerteza da atividade (BETRÁN, 2003).

2) Ambiente pessoal: relacionado às emoções, sensações e vivências pessoais durante a prática da atividade. São três os critérios:

- Dimensão emocional: hedonistas (que não precisa de um condicionamento físico para praticar e gera sensações de prazer e bem-estar); e ascéticas (necessita de um condicionamento físico).

- Sensação: sensação de paz e harmonia; e sensação de risco/vertigem.

- Recursos biotecnológicos: Foram separados quatro critérios. Artefatos mecânicos/tecnológicos (aparelhos adaptados para o homem e necessita de energia humana) ; artefatos de motor (necessita de energia de propulsão para funcionar); corpo (auxiliado por complementos para possibilitar a prática da atividade); animais (realizadas com a ajuda ou suporte de animais).

3) Atividades: foram selecionadas trinta e duas atividades.

4) Valorização ético-ambiental: como estas atividades ocorrem no meio natural, existe uma troca entre o meio ambiente e as pessoas e mesmo que não seja o objetivo, estas pessoas causam um impacto ambiental que pode ocorrer em três níveis: alto, médio ou baixo. De acordo com as atividades, o número de participantes, a intensidade da prática, a duração naquele mesmo local, a estação do ano, o momento do dia, ao comportamento dos participantes e a fragilidade da fauna e flora local, que determinam o grau de impacto. Por exemplo: Uma atividade 4x4 causa mais danos à natureza que uma caminhada e ambos ocorrem no meio terrestre.

5) Ambiente social: estas atividades têm um forte caráter individualista, portanto, é verificada a atitude individual do praticante para cooperar com o grupo ou não; entretanto, algumas atividades ocorrem de forma totalmente individual.

As atividades desenvolvidas pelo GAE e pelo CUME também podem se enquadrar na classificação acima descrita. Abaixo cita-se e descreve-se as que são comumente praticadas por um ou outro grupo em questão, na região de São Carlos:

A) Montanhismo ou Alpinismo: "A palavra Alpinismo apesar de, muitas vezes, ser utilizada para designar, genericamente, o ato de escalar, tem sua origem em escaladas nos Alpes. No dicionário Aurélio pode-se verificar que montanhismo é sinônimo de alpinismo. O montanhismo representa a prática de atividades em regiões montanhosas, tais como caminhadas, acampamentos em finais de semana, até caminhadas de ascensão, escaladas em rocha, gelo e outras. De acordo com Tomas Griddi Papp, coordenador do Pró-Esportiva (Programa Brasileiro de Desenvolvimento da Escalada Esportiva) do Clube Alpino

Paulista, existem nove tipos de escalada: escalada em livre; escalada esportiva; escalada de competição; escalada esportiva em estruturas artificiais, progressão artificial em rocha; big wall; escalada alpina; alta montanha e cascatas de gelo" (Folha Esporte – Folha de São Paulo, 27 de dezembro de 1998 apud MARINHO, 2001).

Os tipos de escalada mais praticados pelo CUME são a escalada esportiva, escalada esportiva em estruturas artificiais e "boulder", que apesar de não ter sido citado pela autora acima, atualmente se tornou muito popular. "Boulder" é “um grande bloco de pedra arredondado ou desgastado pelo tempo” (SILVA, 2003, p.18), neste tipo de escalada não é preciso muitos equipamentos, somente a sapatilha que aumenta a aderência do pé na parede, pó de magnésio para secar o suor da mão e, por ser feita em lugares baixos, a segurança é feita por um colchão no chão ou por uma pessoa que amortece uma eventual queda. Neste o nível de dificuldade costuma ser bem maior que os outros tipos de escalada, por outro lado as vias são bem mais curtas. Esclarece-se que tais estruturas artificiais e a atividade designada "boulder" não eram comuns na região na época de existência do GAE.

B) Espeleologia ou Caving ou Caverna: Espeleologia é o estudo das cavernas, enquanto que caving/caverna é a exploração da caverna para as AFANs. Nesta última exige-se solidariedade e trabalho em equipe; e não se trata de uma “(...) competição com a natureza, mas sim de vencer-se a si mesmo e superar os próprios limites físicos, técnicos e de conhecimento.” (CHINAGLIA; FERREIRA; BESSA, 1994, p.4).

C) Cicloturismo: Turismo realizado em cima de uma bicicleta. Normalmente são viagens que duram horas ou dias com o intuito de explorar as paisagens.

D) Mountain Bike: É a prática de andar de bicicleta em todo e qualquer tipo de terreno, com o fim da própria prática física em si ou em busca de uma outra paisagem. Em alguns países, como Portugal e Espanha, tal atividade é chamada de Bicicleta para Todo Terreno, mais conhecida por sua sigla BTT.

E) Orientação: Navegação em lugares desconhecidos com o auxílio de bússola, mapa – mais simples – ou também com tecnologia mais avançada como GPS e altímetro.

F) Caminhada ou trekking: Caminhada em diversos terrenos, normalmente em trilhas na natureza. Algumas vezes uma caminhada pode durar horas ou dias.

G) Rafting: Prática de descida de corredeiras com botes infláveis. São botes largos e de diversos tamanhos e próprios para descer corredeiras.

H) Cascading: descida de rappel na cachoeira utilizando equipamentos tecnológicos (corda, mosquetões, freio, cadeirinha – também são utilizados na escalada).

I) Canyoning: seguir o leito de rio podendo ser caminhando, de bote, bóia, canoa, descendo de rappel, etc. Qualquer atividade de subir ou descer o leito do rio, ou seja, o cascading, rafting, canoagem, caving e caminhada podem ser considerados como canyoning quando feito em um rio cercado de rochas.

J) Corrida de Aventura: Esta prática esportiva é nova e sempre esta voltada para a competição entre equipes. Esta implica em unir diversas AFANs como: mountain bike, caminhada, rafting, canoagem, natação, canyoning, escalada, entre outros.

H) Caminhada ou trekking de regularidades: É uma competição de caminhada e orientação. As equipes competidoras recebem um mapa e eles têm um tempo para percorrer determinada distância. A equipe com maior regularidade de tempo e velocidade (não pode parar) nos percursos é a vencedora.

I) Outdoor training ou treinamento ao ar livre: É a utilização de várias AFANs no treinamento de executivos, os objetivos são de punho psicológico como: criatividade, liderança, integração e tomada de decisão.

J) Mergulho: Contemplação dos seres marinhos e seu habitat utilizando ou não de equipamentos que auxiliem a maior permanência dentro da água.

METODOLOGIA:

A investigação se desenvolveu com entrevistas baseadas na metodologia da História Oral (CORRÊA,1978), porém ressalva-se que alguns depoimentos foram feitos via internet, por conta da distância de moradia de alguns dos depoentes, já que alguns moram até mesmo em outros países. Pela internet obteve-se retorno de quatro que sujeitos (Toichiro, Rodrigo, Dimitri e Robertão) sendo que foi mandado e-mail para 13 pessoas do CUME diretamente e para o grupo de e-mail do CUME que tem 65 associados (nem todos membros do CUME). Esta ferramenta foi utilizada para enriquecer mais o trabalho e possibilitar que todos interessados participassem, mesmo sem ter seu depoimento pessoalmente.

Outra forma de coleta de dados foi através de entrevistas presenciais, sendo que contou-se com sete depoentes, quatro membros do CUME, dois ex-membros do GAE e um que era membro do CUME e ex-membro do GAE. Estes eram, respectivamente: Clever CHINAGLIA, Eduardo FERREIRA, Albert FOLDES, Danilo SOUZA, Paulo MENTONE, Fabio QUINTELA e Luiz ANELLI.

Na entrevista desenvolvida os objetivos foram explicados e foi pedido para que o depoente falasse sobre a sua história dentro do CUME e/ou GAE enquanto todo o relato era gravado. O investigador tinha consigo alguns temas a serem abordados, mas não os expunha ao entrevistado. Somente se alguma coisa fosse esquecida tocava-se no assunto para que este discorresse sobre tal tema. Os temas sugeridos eram: o surgimento do CUME e/ou GAE, relatando também como foi sua entrada e o que fez a pessoa começar a fazer parte; como está o CUME e/ou GAE atualmente e sua relação com este; de onde vieram as técnicas utilizadas pelo grupo, onde cada um aprendeu; palestras, cursos e eventos que tenha participado ou tenha feito representando a entidade ou particularmente; relacionamento pessoal com o CUME e/ou GAE; e finalmente, o que a pessoa faz atualmente tanto relacionado a estas atividades como uma outra atividade profissional. Estas mesmas temáticas foram solicitadas via internet para os membros ou ex-membros geograficamente distantes.

Na pesquisa a pessoa estava livre para falar o que queria e o entrevistador falava o mínimo possível. Na História Oral

"...o entrevistador somente pergunta e quando muito faz uma ou outra observação ou dá opinião, (...) a entrevista é um relacionamento social em que o objetivo é saber a opinião e o relato de um só, que é o entrevistado" (CORRÊA, 1978, p. 44).

Antes de escolher as pessoas a serem entrevistadas, pesquisou-se a história do CUME e percebeu-se a existência de pessoas chaves, que se envolveram muito no surgimento tanto do CUME quanto do GAE. Os membros fundadores sabiam muito sobre a origem das entidades e os membros atuais sobre sua atualidade, muitas vezes comparando como era e como é. O primeiro contato com os entrevistados foi pela internet falando um pouco sobre a pesquisa e logo teve-se a feliz resposta de que estes gostariam muito de colaborar. Em

seguida marcou-se o dia e o local que era melhor para o entrevistado, pois “... cabe a ele dar as regras do jogo e ao entrevistador segui-las.” (CORRÊA, 1978, p.40). Os depoentes foram entrevistados tanto na casa deles, no trabalho ou na casa do entrevistador. Todas as entrevistas foram realizadas individualmente, em horário previamente combinado com o depoente e as transcrições das mesmas foram feitas posteriormente e na íntegra, preservando as declarações originais.

Somente o Albert Foldes, que foi entrevistado, que não mora mais em São Carlos, ele mora em Campinas. Os outros moram em São Carlos e já trabalharam na região de São Carlos, tanto representando o CUME/GAE quanto individualmente.

Neste trabalho considera-se Região de São Carlos todas as cidades fronteiriças de São Carlos, são elas: Luiz Antônio, Descalvado, Analândia, Itirapina, Brotas, Ribeirão Bonito, Ibaté, Araraquara, Américo Brasiliense, Santa Lúcia e Rincão. E as cidades que fazem divisa com Brotas, que além de algumas já citadas inclui Dourado e Torrinha, que são cidades onde os integrantes das entidades fizeram trabalhos como abertura de trilhas e treinamento ao ar livre.

RESULTADOS:

A partir das entrevistas foi possível visualizar como os grupos CUME e GAE se organizaram, o que os motivou, onde costumavam ir, que eventos organizaram, de onde vieram as técnicas utilizadas, o que ocorreu com os grupos, como é a vida de cada depoente atualmente e a influência que os grupos tiveram na região.

Pode-se afirmar, por exemplo, que o CUME teve seus primórdios em Março de 1990 quando um grupo de amigos se reuniu com a finalidade de organizar uma viagem para o Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR), e embora a viagem não tenha acontecido, tal acontecimento uniu tais pessoas que gostavam de Atividades na Natureza e tinham diversas experiências advindas de outros grupos e de estilo de vida pessoal. Como, a exemplo, o depoente Clever Chinaglia tinha um grupo de amigos que viajavam juntos para o PETAR e outros lugares da região antes mesmo de entrar na universidade objetivando a prática de AFANs (observa-se que tal expressão não era porém ainda utilizada, embora ocorressem tais práticas). Algo similar acontecia com Albert Foldes que era membro do

Clube Excursionista Campineiro (CEC) e já fazia escalada nos muros artificiais do bairro Taquaral, no município de Campinas (localizado no Estado de São Paulo-Brasil).

Estes dois depoentes e mais algumas pessoas se reuniram em Agosto de 1990 intencionando formar um grupo organizado para fazer viagens e desenvolver as AFANs na região. Em princípio eles quiseram reativar o Grupo Alpino Excursionista (GAE), com origem em 1978 e término das atividades por volta de 1984, quando seus membros, estudantes tanto da Universidade de São Paulo (USP) - campus São Carlos - quanto da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) se formaram nos seus respectivos cursos e saíram de São Carlos.

Clever, afirma porém ter ocorrido reunião anterior a tentativa de organização do passeio acima descrito:

"Antes em 88 (...) teve uma reunião para tentar (...) reavivar o GAE (...), foi uma reunião na biologia com o Jarrão, um cara da biologia que tava no segundo ano da biologia. Mas parece que não virou, tinha lá a salinha onde o GAE se reunia, mas ficou por isso mesmo, o pessoal não se reuniu mais. Na primeira reunião do CUME o pessoal pensou em colocar o nome de GAE (...)" (CHINAGLIA).

O GAE, que foi um grupo que inspirou o nascimento do CUME, surgiu da mesma vontade de viajar e praticar AFANs . Seus membros se reuniam para discutir a logística da viagem que estavam planejando. Eram viagens para vários lugares, tanto na região de São Carlos, quanto lugares mais distantes, como Pico das Agulhas Negras (RJ) e estas sempre envolviam a prática das AFANs. A princípio, as atividades mais praticadas foram a espeleologia e a escalada, que também estavam muito presentes na origem do CUME.

Outro depoente entrevistado é Paulo Mentone, que foi um dos idealizadores do GAE, grupo que em princípio se reuniu pela vontade de viajar e praticar "(...) esporte de aventura (...)". De acordo com ele: "...tinha um cara que era da física que conhecia o Betari (PETAR), as cavernas do Betari bem, ele fazia espeleologia e eu não conhecia e queria conhecer. Então eu fui procurar esse cara, era o José Carlos Pio Marins ...o Pio."

O GAE fez viagens para o Cuscuzeiro, em Analândia (interior de São Paulo) e Agulhas Negras (interior do Rio de Janeiro) para escalar; Brotas (interior de São Paulo) para fazer

"bóia cross"; espeleologia no PETAR; mergulho na Ilha de Araújo e Ilhabela (litoral de São Paulo). Já quando os membros antigos desse grupo tinham se formado e se transferido para outras cidades. Porém, segundo Luiz Anelli, alguns alunos da biologia (sendo inclusive ele um destes alunos) ficaram com a sede, os documentos e equipamentos do GAE e estes realizaram muitas idas ao PETAR com estudantes de biologia da UFSCar e da UEL de Londrina.

Uma característica muito forte do GAE era sua constituição por alunos universitários da UFSCar e da USP e, eventualmente, por pessoas da cidade que não estudavam nestas universidades. O mesmo pode-se observar na história do CUME. Em decorrência deste público participante das duas entidades, quase exclusivamente universitários, é possível observar rotatividade entre seus membros, ou seja, os integrantes mais antigos formam-se e deixam a universidade, a cidade de São Carlos e os respectivos grupos, e se não entrarem novas pessoas com vontade de continuar o trabalho, as entidades vão perdendo a força, conforme declara Danilo Souza: "... Daí eu acho que o CUME teve vários altos e baixos, agora eu tô meio afastado, mas eu acho que tá numa fase de alta, (...)Daí meu envolvimento eu acho que (...) eu tive num dos altos e depois (...) fiquei meio afastado..."

Existe tanta semelhança entre o GAE e o CUME que muitas vezes o depoente Luiz Anelli confundia um com o outro em sua fala, pois ele fez parte do GAE e atualmente é membro do CUME. Em suas palavras "Quando em 90 eu tive a notícia que o CUME estava ressurgindo (...) ai (...) acho que... 99 (...) eu resolvi voltar pro CUME (...)", ou seja, o depoente fala como se fossem a mesma entidade, quando em verdade ele fazia parte do extinto GAE e agora vinha a participar do CUME.

O que mais diferencia o CUME do GAE é o momento em que se desenvolveram. Paulo Mentone depõe que no surgimento do GAE "a Federal era muito novinha, tinham poucos cursos e todo mundo se conhecia. Então era fácil de que idéias fossem propostas(...)". Quando o CUME surgiu a UFSCar já tinha se expandido em número de cursos e estudantes, no entanto, ainda menos que atualmente, mas essas atividades que na época do GAE eram vistas como loucuras, no momento são bem melhor aceitas, havendo até certo modismo. Por outro lado, as técnicas também se aprimoraram e a consciência ambiental aumentou.

De acordo com Paulo Mentone existia na época da criação do GAE (1978)

"uma preocupação ambiental que naquele tempo era precoce também, não é que nem hoje. (...) essa nova geração recebe isso como parte da educação. Naquele tempo não. A gente vinha de uma (...) geração que tinha tratado muito mau o meio ambiente, né? Então a gente começou a ter essa consciência de mudança com relação ao meio ambiente...".

Muitas coisas mudaram desde o surgimento do CUME e certamente esta é a grande herança que o GAE deixou para esta nova geração. Depois de dado o primeiro passo ficou mais fácil e mesmo que as idéias eram semelhantes, cada grupo representa sua própria época e até mesmo por isso o nome desse novo grupo foi outro. A idéia surgiu na primeira reunião do grupo:

"... o Pedro, que era um cara da Engenharia de Produção falou: Ah... vamos por CUME, né? E ai... CUME, CUME... Ai começamos a pensar porque CUME... Ai... Na verdade primeiro veio o nome depois veio Centro Universitário de Montanhismo e Excursionismo. Vamos inventar uma sigla..., explicar a sigla... e saiu o nome ..." (CHINAGLIA).

Até mesmo Paulo Mentone elogiou a escolha do nome "O nome CUME é muito legal. Foi muito feliz quem escolheu esse nome (...)" e realmente tem muito a ver com a escalada em que o objetivo normalmente é chegar no topo, ou seja, no cume.

Marco muito importante na existência do CUME foi a construção da parede de escalada na Caixa d'Água (CA) da UFSCar. Todos os entrevistados se referiram a ela, uns como um sonho que com muito esforço foi realizado e outros como uma vontade que veio muito depois. "Naquela época não tinha CA, (...) e o Pio já (...) falava: nós temos que fazer uma parede escola (...)" (MENTONE).

Depois da frustrada viagem para o PETAR estas pessoas se reuniram e surgiu um comentário de um deles:

"...a gente queria ir para o PETAR para mudar um pouco o clima, fazer alguma coisa na universidade, né? Não tem nada pra fazer aqui, porque a gente não monta uma parede de

escalada? Este cara era o Albert. Ele já escalava em Campinas, é... Ele está em Campinas e ele fazia ou faz parte do CEC (Clube Excursionista Campineiro)..." (CHINAGLIA).

Somente em Dezembro de 1991 o CUME conseguiu a autorização para a montagem desta parede na CA da UFSCar e, em novembro de 1992, a primeira via (rotas com agarras de resina por onde o escalador sobe a parede) ficou pronta. Em princípio "(...) nós propusemos então fazer a parede (...) por dentro do ginásio.(...)" (FERREIRA), mas este foi negado e para a surpresa de todos o engenheiro sugeriu que construíssemos na CA.

"...a torre da caixa d'água era o sonho para a gente que a gente nem se atreveu a propor, a nossa grande surpresa foi quando os arquitetos da Federal propuseram então, a usar a torre da caixa d'água, e aquilo a gente nem... nem... expressou na hora da conversa que era tudo que a gente queria para eles não desistirem disso. Mas então a gente falou: olha que interessante! Então vamos fazer na caixa d'água! E então apresentamos um projeto de que aquilo não ia trazer nenhum dano para a torre da CA, levando em conta a espessura do concreto que não ia chegar na água (...). E (...) eles deram autorização pra gente..." (FERREIRA)

Não foi só o Eduardo Ferreira que relatou esta grande conquista. O Clever Chinaglia e o Albert Foldes demonstraram muita surpresa com a possibilidade do muro escola ser na CA. "(...) depois de um ano de estudo (...) eles propuseram fazer na CA, nós ficamos espantados e fizemos na CA (...)" (FOLDES).

Para conseguirem colocar agarras até o topo da CA demorou um tempo, não foi de imediato "(...) acho que (...) a gente (...) levou quase um ano para terminar de furar todos os gomos da CA (...)" (CHINAGLIA).

Quando a parede ficou pronta, os membros do CUME tiveram que deixar um termo de responsabilidade permanente, reconhecido firma da assinatura para poderem escalar na CA. Esse termo ficava na Prefeitura Universitária da UFSCar juntamente com uma lista das pessoas autorizadas a escalar e esta sempre era atualizada. Se um não-membro quisesse escalar tinha que preencher um termo de um dia com a assinatura de um membro do CUME e este devia estar presente. Se o escalador novato não fosse maior de 21 anos, um

responsável legal tinha que assinar por ele. Atualmente o sistema não mudou muito, ainda é preciso esses termos, mas a pessoa não precisa mais ter 21 anos e sim 18 anos por causa da mudança da lei de maioridade.

Para ser membro do CUME ainda se segue o mesmo processo. Primeiro a pessoa interessada tem que se integrar com os membros, participando das atividades e da reunião semanal que acontece toda terça-feira, às 13 horas, no Restaurante Universitário (RU) da UFSCar, num local conhecido como árvore do RU pelos estudantes; e mostrar suas habilidades na escalada. Quando a pessoa não tem conhecimento das técnicas, o CUME dá um curso para todos os iniciantes e assim eles estariam aptos para serem membros. Também existe uma taxa de R\$50,00 (Cinquenta reais) – a jóia - referente ao equipamento que o CUME tem como corda, ferragem e cadeirinha - e uma semestralidade de R\$30,00 (Trinta reais) - para a manutenção da parede de escalada na CA. Estes são os valores atuais, pois no surgimento aconteceu uma contribuição de todos os membros para comprar os equipamentos e as agarras. Conforme diz Eduardo Ferreira: “(...) as primeiras agarras nós compramos numa vaquinha com o pessoal que na época estava envolvido ali com o CUME”.

O esforço foi recompensado mantendo o CUME atuante até hoje e o jornal Folha de São Paulo (Outubro/93) e Jornal da Federal (Setembro/93) fizeram uma reportagem sobre a CA, que na época era a segunda maior da América Latina.

Apesar de terem começado com espeleologia e escalada, os adeptos de aventura também faziam outras coisas como caminhadas em regiões montanhosas, passeios de bicicleta, além de cursos, palestras e eventos.

Os membros do CUME começaram indo para:

"... cachoeiras que não tinha trilha, levava facão e ia abrindo caminhos. Ou trilhas fechadas porque eram cachoeiras pouquíssimo visitadas (...) fizemos isso com muita frequência. Chegar no Cuscuzeiro também, (...) a gente tinha muita vontade de descobrir cavernas aqui na região. Então teve várias saídas de prospecção de cavernas. Perguntar pros colonos, o pessoal dos sítios se eles conheciam cavernas e tentar achar caminhos para estas cavernas" (FERREIRA).

Muitos lugares que antes não eram conhecidos, agora começavam a ser divulgados por eles. No jornal do DCE (Diretório Central de Estudantes) da UFSCar o Clever escreveu um artigo “Conheça sua região” (abril/94), que discorria sobre os lugares interessantes para se visitar na região, como cachoeiras, paredões de escalada e cavernas.

Além das expedições na região o grupo foi para outros lugares tais como “a Canastra , Serra dos Órgãos e Serra do Cipó ” (CHINAGLIA). Para fazer essas viagens eles se juntavam e formavam comitivas, o que baixava o custo e possibilitava que outros também participassem. Mas o CUME não se resumia em viagens, também dava cursos de escalada e espeleologia.

"...o curso de alpinismo do CUME. Eu lembro que era 10 reais o preço do curso, um preço simbólico. (...) não é como hoje, que muitas vezes o cara vem para a federal e já vem com escalada já aprendida lá em São Paulo, indoor né, 90 graus, casa de pedra. Na época quem queria começar a escalar era de curioso, não sabia o que era, então agente começava com questão de ancoragem, de nó, técnica de segurança, equipamento, o que pode, o que não pode, tipo de corda. (...) eram dois finais de semana intensivo, eram 16 horas no gaz, fora as partes práticas(...) era uma vez por ano ou duas(...)" “A gente fez um curso de espeleo (...) na universidade (...) dois cursos no Cantos e Contos, quando era na frente do CDCC num casarão antigo." (CHINAGLIA).

Teve também uma viagem de cicloturismo “Aventura para Educação e Cultura” saindo de São Carlos com destino a Ubatuba em que os membros participaram e depois fizeram palestras em escolas, empresas e universidades, além de uma exposição de fotos na biblioteca comunitária da UFSCar (MINAMIZAWA, Toichiro).

Muitos acontecimentos eram filmados por TVs da região e quando queriam fazer alguma reportagem aqui, eles consultavam os membros do CUME antes.

"Volta e meia ligavam para a universidade, perguntando sobre o CUME para saber detalhes da região, jornalista que queria saber onde é que tinha lugar para passear, em relação ao turismo..." (CHINAGLIA).

Rodrigo Lelis informa (via internet) que também foram feitas filmagens de descidas com cordas em cachoeiras da região e na CA.

Desde o surgimento do GAE até o surgimento do CUME as técnicas foram se aperfeiçoando e os equipamentos foram ficando mais especializados para as atividades de aventura e, todas essas atividades, foram fruto de muito trabalho e pesquisa, para garantir a segurança de todos.

Declara Fabio Quintela que Paulo Mentone levou algumas técnicas de escalada para o GAE que aprendera escalando em Agulhas Negras com seus pais. Já as técnicas de espeleologia o Pio (José Carlos Pio Marins) já sabia, pois tinha alguma experiência. O Pio conhecia alguns membros do CEU (Centro Excursionista Universitário) que o ajudou na busca de novas técnicas. O contato com escaladores nas montanhas também foi uma forma de aprender, pois era neste momento que eles trocavam informações e se atualizavam.

"Corda a gente comprava essas de náilon (...) aquelas que já tinha na época. (...) Ninguém fez curso (...) e a gente ia meio de orelhada (...) O negócio era agarrar na pedra e ir subindo tal. Alguma coisa a gente sabia de rapel (...) aquele clássico que... no começo a gente não tinha equipamento nenhum era tudo no corpo mesmo ..." (QUINTELA).

Copnfrme afirmação no trecho anterior, as técnicas eram rudimentares, mas este passo foi muito importante para que essas hoje se tornassem mais seguras. Na época os equipamentos eram todos importados e muito caros, pois não tinha um mercado nacional para utilizá-los. O montanhismo estava nascendo no Brasil e não era fácil encontrar um curso ou um equipamento mais especializado e testado, pois não tinha procura por estes.

Com o tempo, porém, foi ficando mais fácil conseguir equipamento "(...) quando alguém viajava para o exterior (...) trazia cadeirinha, trazia mosquetão, trazia oito (...). Ai que a gente começou a sofisticar, mas isso já foi numa segunda etapa (...)" (QUINTELA).

Já na época do CUME, 10 anos depois do GAE, já era mais fácil de encontrar cursos, equipamentos especializados e acessar técnicas mais seguras. Isso só foi possível porque algumas pessoas se organizaram anteriormente e conseguiram levar tais técnicas para São Carlos como o Albert Foldes, membro do CEC e, principalmente, dos membros do GAE.

Segundo Clever Chinaglia, o Albert era o mais experiente com escalada na época do surgimento do CUME e seu contato com o CEC facilitou mais o acesso a técnicas mais seguras. O Clever já era o mais experiente em espeleologia, inclusive, aprendeu muitas técnicas com membros do GAE, já tinha ido nas cavernas do PETAR com eles e foi quem levou ao CUME tais técnicas. Surgiu assim o CUME com responsabilidade, segurança e muita dedicação, o que fez o grupo ser reconhecido por toda região, tanto que até seus membros foram convidados para fazer parte da defesa civil de São Carlos, compondo a equipe de resgate em altura em área confinada.

De acordo ainda com Clever Chinaglia, Pedro Cabaleiro (um dos responsáveis da Defesa Civil na época)

"...começou a montar cursos para formar a gente em primeiro socorros principalmente e resgate em altura. Só que cursos de resgate em altura na região não existia, tinha algumas coisas do bombeiro, mas o equipamento que o CUME tinha era melhor do que o equipamento que o bombeiro tinha na época e ainda hoje".

O CUME tinha equipamentos bem sofisticados e estes eram comprados pelos mesmos. Para comprar individualmente era muito caro e juntos era possível comprar bons equipamentos que todos podiam usufruir.

Com o tempo os equipamentos foram se desgastando e depois de ter passado por duas gerações do CUME estes desapareceram e, em 2000, o CUME parecia ter desaparecido com eles. Todos já tinham se formado e estavam envolvidos com outras coisas. O que sobrou foi a CA, que foi suficiente para fazer surgir uma nova geração que queria muito escalar. Nessa mesma época Victor Lopes e Danilo Souza reuniram-se para organizar corridas de aventura e, em 2000, surgiu o primeiro Raid Terra em Ibaté, o Raid Inconfidência. Estas corridas ressaltaram ainda mais a potencialidade dessas atividades na região de São Carlos. No final de 2001 ocorreu uma corrida em Itirapina; em 2002 foi em Torrinha; já em 2003 ocorreram três corridas pequenas, duas em Itirapina e uma em São Carlos e em 2004 uma corrida de 60 horas em Dourado.

Foram tantos os avanços das AFANs no âmbito da escalada, espeleologia, corrida de aventura, caminhada, cicloturismo e viagens de aventura, que não é possível abordar todas

neste estudo. Esta busca trouxe ao grupo técnicas mais aprimoradas para maior segurança e este é o legado do CUME para as AFANs na região. E assim o CUME vai se transformando e buscando novas técnicas, o que acontece ainda hoje.

O CUME atualmente tem uma parceria com o Departamento de Educação Física da UFSCar através do Projeto "Vivências em Escalada" do Programa "Esporte Para Cidadania", assim um membro do CUME e aluno regular do curso de Educação Física, desenvolve sob orientação de um Professor deste Departamento e com bolsa extensão da Pró-Reitoria de Extensão, alguns horários de monitoria na CA para qualquer um que queira participar, sendo ou não membro do CUME. Para tanto só há uma exigência, que a pessoa que deseja escalar preencha e assine um termo de responsabilidade de um dia para visitante. Se ele for menor de 18 anos é preciso que alguém assine como responsável deste, podendo ser o pai ou outro responsável legal.

A entidade, como foi explanado, tem se organizado desde 1990, mas somente agora está tentando fazer a oficialização da mesma. Tudo indica que brevemente o CUME será registrado como uma associação sem fins lucrativos e existe a intenção de futuramente o CUME fazer parte da FEMESP (Federação de Montanhismo do Estado de São Paulo).

No ano de 2002, aconteceu um evento na UFSCar que tinha a intenção de apresentar os membros do CUME à FEMESP e vice-versa com o fim de fortalecer os laços entre as entidades e saber melhor o papel do CUME se fizer parte da FEMESP. Esse evento foi o EMESC (Encontro de Montanhismo e Excursionismo de São Carlos) e contou com palestras sobre cicloturismo, treinamento ao ar livre e ecoturismo; exposição fotográfica na biblioteca comunitária da UFSCar sobre o tema montanha; e oficina de auto-resgate.

Outros eventos recentes foram os Festivais de Boulder na CA, o primeiro foi em 2002 e o outro em 2003. Estes eventos tiveram o objetivo de divulgar a escalada e motivar as pessoas que estão treinando, pois muitos prêmios foram dados aos participantes.

Com relação à excursão, ocorreu a viagem para o PETAR em 2002 e em 2003; e viagem para Pico das Cabras (localizado em Joaquim Egídio, interior de São Paulo) em 2003.

Ainda ocorrem viagens ao Cuscuzero com grande frequência, tanto de carro, caminhando ou de bicicleta; idas a cachoeiras da região para fazer rappel, pedalar ou caminhar. O CUME, mesmo com alguma dificuldade, tem feito vários passeios de aventura na natureza

e o ponto de encontro principal é a CA e não as reuniões as terças-feira como era de se esperar.

Ainda como resultados esclarece-se um pouco da trajetória histórica dos precursores (depoentes) do CUME e/ou GAE. Cada entrevistado teve uma dada vivência: anterior ao grupo, no grupo a que pertence propriamente, e posterior ao grupo (quando este deixou, em alguns casos, a fazer parte do mesmo). Mas toda energia que encontraram no círculo de amizade do CUME/GAE ainda está presente na vida deles.

Paulo Mentone (GAE), por exemplo, afirma que desde pequeno foi influenciado por seus pais a praticar essas atividades, começou a cursar Engenharia de Materiais em 1977 na UFSCar, porém não terminou o curso, pois começou:

"... a trabalhar com turismo... meio que por acaso, quer dizer... tinha trabalhado na VARIG e ai precisou de alguém numa agência local, comecei a trabalhar com eles, começou a aparecer viagem (...) eu acho que isso está relacionado com a experiência do GAE, aquela experiência de montar viagem para aquele grupo do GAE me habilitou a me dar bem nesse mercado de turismo" (MENTONE)

Como na época não existiam faculdades de turismo ele foi estudar geografia em São Paulo, que ajudou no seu trabalho com turismo e mais tarde abriu sua empresa de turismo, que possui até hoje. Fez também especialização em Economia do Turismo na USP. Tinha muito interesse por políticas públicas e atualmente, além de sua agência na cidade de São Paulo, na qual vai esporadicamente, trabalha na Prefeitura Municipal de São Carlos, cidade onde reside com sua família. Quanto às AFANs, ele tem estado um pouco afastado, só de vez em quando vai para Agulhas Negras escalar e leva consigo a família.

Já o Fabio Quintela, que também era membro do GAE, teve muito contato com a natureza quando era pequeno.

"... quando era moleque, (...) a gente fazia muito costão, eu me criei... muito tempo na Bertiooga. (...) Minha mãe, desde pequenininho, fazia a gente fazer esse tipo de atividade, que era andar nas pedras, então a gente ia andando pelas pedras e (...) lá no fundo cê pulava

no mar e voltava nadando, pelo mar. (...) E com isso você aprendia a subir ..."
(QUINTELA).

Na Universidade cursou Engenharia Civil na USP e até hoje pratica as AFANs. Leva seus filhos para descer de caiaque os rios da região freqüentemente.

Luiz Anelli, que foi do GAE e atualmente está vinculado ao CUME, teve seu primeiro contato com as AFANs através das saídas de bicicleta com seus amigos e somente quando entrou na universidade que visitou uma caverna e bem mais tarde começou a escalar. Formado em Biologia na UFSCar, atualmente ministra aulas na cidade de São Carlos, na Faculdade de Turismo do Centro Universitário Paulista (UNICEP) e nos cursos técnicos em Turismo e Guia de Turismo do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) .

"... toda essa minha atividade esportiva durante (...) mais de 20 anos, teve (...) um papel extremamente importante na minha formação como professor de biologia e como professor de turismo e como pai também. Eu acho que foi muito importante eu ter freqüentado esses grupos, conhecido essas pessoas, aprendi essas (...) atividades..." (ANELLI).

Já o depoente Clever (CUME), atualmente formado em Engenharia de Materiais na UFSCar, faz pós-graduação em Ecoturismo no SENAC de Águas de São Pedro (interior de São Paulo). Trabalha como consultor na área de metalurgia no Centro de Caracterização e Desenvolvimento de Materiais (CCDM) da UFSCar três vezes por semana.

"...na área de turismo... que são os outros dias da semana, os outros quatro, porque domingo também é dia de trabalho... Eu trabalho no SENAC como coordenador do curso técnico em turismo... dou aula da disciplina de guia de turismo, sou guia da embratur credenciado, tenho a carteirinha da embratur, sou consultor na área de turismo no SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) fazendo trabalhos de (...) desenvolvimento de programas de turismo em municípios (...) Dei aula na UNICEP em ecoturismo, metodologia da pesquisa científica em turismo, praticas de campo, práticas orientadas de campo, (...) e luto para não ficar louco por conta de tudo isso. E se sobra tempo para mais alguma coisa, de vez em quando eu escalo um pouquinho para não perder

o costume (...) tenho uma empresa de consultoria, essa que trabalha com o SEBRAE, e a gente tem uma agência de receptivo turístico em São Carlos, que é a Expediu. Daí eu falo a gente porque sempre tem uma galera que me dá uma força ..." (CHINAGLIA).

Albert Foldes, um dos outros fundadores do CUME, formou-se em Engenharia na UFSCar e, atualmente, faz "... atendimento ao cliente com entendimento técnico na região. E dou curso de escalada (...) uma vez por mês, na Grade VI (Academia de Escalada e Loja de Equipamentos) em Campinas." (FOLDES). Para não perder o contato, ele diz ir duas vezes por mês escalar na pedra e essa é a única das AFANs que continua praticando.

O entrevistado Eduardo Ferreira começou a ter contato com essas atividades no CUME e muita coisa mudou desde então. Um apaixonado pelas cavernas que hoje perdeu um pouco de contato. Se formou em Engenharia de Materiais na UFSCar e terminou o pós-doutorado no Departamento de Materiais (DEMa) - UFSCar.

"Faço pesquisa na área de Engenharia de Materiais, sou especialista em cerâmica, em vidros. (...) com prestação de serviços para indústrias, análises de defeitos em vidros (...) alguma coisa em (...) desenvolvimento de tecnologia em parceria com indústrias. (...) se a gente for ver... talvez tenha alguma coisa a ver ... porque (...) uma grande motivação para esse trabalho é achar um material substituto para mármore e granitos pra utilização como revestimentos. Materiais que tem aspectos muito semelhantes desses mármore e esses granitos que são rochas naturais, só que derivariam de materiais recicláveis, cacos. (...) A gente poderia abdicar de usar essas rochas e passar a usar materiais cerâmicos com propriedades até superiores. Isso trás sempre um viés, uma vontade de (...) ter alguma (...) atividade menos (...) agressiva ao meio ambiente. No doutorado eu trabalhei com reciclagem de resíduos siderúrgicos, né? Sempre tem (...) uma vontade de trabalhar com reciclagem, alguns métodos alternativos menos agressivos, que é uma coisa que talvez derive dessa movimentação toda" (FERREIRA).

Danilo Souza, que é um membro mais recente que os outros entrevistados, está na USP (campus de São Carlos) estudando Física e, fora isso, é um dos organizadores e precursores

do Raid Terra na região de São Carlos. Também faz parte da "Suindara" (equipe competitiva de corridas de aventura que participa de eventos nacionais e internacionais).

CONCLUSÕES:

Pelos dados obtidos percebe-se que certamente o CUME e o GAE tiveram grande influência no desenvolvimento das AFANs na região de São Carlos, por outro lado é importante observar se tratar a região de ambiente extremamente privilegiado em seu relevo para a prática de muitas AFANs e isso também influenciou no aparecimento desses grupos. Brotas é a mais conhecida de todas as cidades desta região do interior de São Paulo e fica a apenas 65km de São Carlos, e não é a única com potencialidade para o desenvolvimento dessas atividades. Em Analândia há o Morro do Cuscuzeiro que atrai escaladores de diversas partes do Brasil, bem como os municípios de Torrinha, Dourado e Ibaté com suas lindas cachoeiras, e todos esses lugares possuem lugares para se praticar a escalada.

Antes mesmo de surgir a primeira agência que administra o rafting e o "bóia cross" em Brotas, os membros do GAE já faziam descidas de bóia no Rio Jacaré Pepira. Antes das cachoeiras de Brotas ficarem famosas por todo o Brasil os membros do GAE e do CUME já as conheciam e este último fazia descidas de rappel nestas e em várias outras da região que nem são conhecidas atualmente. Inclusive, muitas vezes jornalistas da mídia impressa ou audio-visual, entravam em contato prévio com membros do CUME quando iam fazer uma reportagem sobre as AFANs na região, ou seja, quando se tratava de conhecer os melhores lugares para a prática das AFANs cada grupo era referência em sua época.

Além de ter sido importante para divulgar a região pela mídia, o CUME também divulgou, no meio universitário, as AFANs e como em geral cada estudante era de um lugar, isto também ajudou a levar este movimento para outras regiões, pois normalmente depois de formados cada qual dirige-se de volta a cidade de origem ou ainda vai para uma nova cidade em busca de trabalho ou estudos pós-graduados. Tal ocorrência vai disseminando o movimento e as dinâmicas do CUME. A diversidade de estudantes vindos de inúmeras cidades também foi importante para trazer novas idéias para São Carlos, quase que ao mesmo tempo em que essas atividades se consolidavam no mundo todo.

No entanto, é preciso lembrar e frisar que os acidentes geográficos (cachoeiras, corredeiras, montanhas e cavernas) das proximidades de São Carlos foram fatores que inspiraram essas

peças a se unirem e praticarem essas atividades juntos. Por conta da existência de duas universidades públicas na cidade de São Carlos também ajudou na formação dos grupos estudados.

Outros fatores para a formação dos grupos se deve ao aumento acentuado de pessoas buscando atividades que proporcionam contato com a natureza, especialmente nas décadas de 1980 e 1990. Observa-se que tal tendência é no sentido de ampliar tal procura (RUSCHMANN, 2002). Um pouco da história do CUME e do GAE, descrita neste trabalho, ratifica uma tendência mundial, como um movimento significativo de uma época, demarcando diferentes comportamentos, dinâmicas e busca de um novo estilo de vida.

REFERÊNCIAS:

BETRÁN, Javier. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa. Turismo, lazer e natureza. Barueri: Manole, 2003. p.157-202.

BETTI, Mauro. Educação física e sociologia: novas e velhas questões no contexto brasileiro. IN: CARVALHO, Yara M. & RUBIO, Katia (org.). Educação física e ciências humanas. São Paulo: Hucitec, 2001. p.155-169.

CHINAGLIA, Clever. Conheça a sua região. Jornal do DCE, São Carlos, p.7, abr. 1994. n. 3.

CHINAGLIA, Clever; FERREIRA, Eduardo; BESSA, Fabiano. Espeleologia: curso básico. São Carlos: Centro Universitário de Montanhismo e Excursionismo, 1994. 64p. apostila.

CORRÊA, Carlos H. História oral: teoria e técnica. UFSC. 1a. ed., Florianópolis – SC. 1978 – 91p.

GRUPO de alunos escala parede da UFSCar: segunda maior parede da América Latina atraí alpinistas. Jornal da Federal, São Carlos, n. 30, p. 6, set. 1993.

MARINHO, Alcyane. Da busca pela natureza aos ambientes artificiais: reflexões sobre a escalada esportiva. 2001. 122p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MARTINELLI, Marcio. Estudantes da UFSCar fazem alpinismo urbano: o paredão é o segundo maior da América Latina. Folha de São Paulo, p. 2, 31 out. 1993.

RAID TERRA. Disponível em: <<http://www.raidterra.com.br>>. Acesso em: 22 out. 2003.

RUSCHMANN, Doris. Turismo no Brasil: análise e tendências. Barueri: Manole, 2002. p.165.

SILVA, Alexandre. Boulder. Headwall: escalada & aventura, São Paulo, n. 6, p. 18 – 21, Abr./Mai. 2003.

FONTES ORAIS:

ANELLI, Luiz. GAE/CUME. Entrevistado no dia 7 out. 2003.

CHINAGLIA, Clever. CUME. Entrevistado no dia 4 set. 2003.

FERREIRA, Eduardo. CUME. Entrevistado no dia 17 set. 2003.

FOLDES, Albert. CUME. Entrevistado no dia 11 set. 2003.

MENTONE, Paulo. GAE. Entrevistado no dia 26 set. 2003.

QUINTELA, Fabio. GAE. Entrevistado no dia 19 set. 2003.

SOUZA, Danilo. CUME. Entrevistado no dia 19 set. 2003.